

## APRESENTAÇÃO

Joaquim Azevedo<sup>1</sup>

A inovação educacional está hoje presente, tanto em quase todos os documentos que sustentam a formulação de políticas educativas, desde o plano mundial (OCDE, UNESCO, Banco Mundial) ao plano nacional e local, como em quase todos os projetos educativos e planos de ação das escolas. Mais do que um conceito claro, corresponde a um *slogan* ou a uma *buzzword*. À aceleração do ritmo de mudança das sociedades atuais parece corresponder uma acentuação dos discursos e das práticas de inovação. Estas inovações tendem a centrar-se em quatro eixos que interagem (Pedró, 2019): reformulações curriculares, introdução de novas tecnologias, adoção de novos processos educativos (como a personalização do currículo ou a aprendizagem por projetos interdisciplinares) e organização e liderança das escolas.

Mas, se é verdade que se relatam e estudam as inovações educacionais que ocorrem um pouco por todo o lado, também é preciso assinalar que a mudança social, que sentimos que ocorre a ritmos acelerados debaixo dos nossos pés, parece não ter afetado estruturalmente o modelo moderno de educação escolar, antes se confinando a domínios muito precisos e particulares da ação pedagógica, da tecnologia e da gestão escolar. O modelo escolar integrante da modernidade continua a constituir a referência dominante em todo o mundo.

Contudo, existe o perigo de estarmos a assistir atualmente a uma “desintegração da escola” como “contrato social” (Nóvoa, 2020, p. 27), a favor da prevalência de uma lógica consumista e pragmática, justificada pela crescente individualização das aprendizagens – realizada com o apoio das neurociências, da biotecnologia e das novas tecnologias da informação e comunicação –, aprendizagens essas que ocorrem tendencialmente focadas nos “espaços domésticos” e não já no espaço público.

---

1 Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia. Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano. Portugal. [jazevedo@porto.ucp.pt](mailto:jazevedo@porto.ucp.pt)

Entretanto, o que é já bastante evidente é o caminho seguido pela generalidade dos sistemas escolares, nos últimos trinta anos, sob influência das referidas organizações internacionais, de construção de reformas de cariz “gerencialista” e de busca contínua da “performatividade”, que se consubstancia na adoção de políticas públicas que têm dado especial ênfase à prestação de contas, à descentralização e autonomia da gestão escolar e à competição internacional em torno da avaliação dos desempenhos eficientes, com base em padrões internacionais, sustentados na medição de resultados escolares através de provas nacionais e internacionais.

Neste mesmo período, os riscos de aumento das disparidades entre escolas e da desigualdade de oportunidades educativas dentro dos sistemas nacionais de educação têm vindo também a ser amplamente sublinhados. A imensidade de pequenas iniciativas inovadoras que ocorrem hoje por todo o mundo está envolta nestes desafios e corre, entre outros, estes riscos, além de poder contribuir, pelo seu difícil impacto em melhorias significativas no ensino e nas aprendizagens de todos os alunos (ou seja, na qualidade e na equidade), para suscitar cansaço e resistência à inovação.

Até o termo “reforma educativa” tem sido sistematicamente evitado e dado lugar a mudanças mais ou menos pontuais e ditas pragmáticas. Mas o que parece certo é que continua a ser muito importante avivar o debate público em torno das práticas de inovação e das ideologias que as sustentam, tendo em vista nunca deixar de colocar como referenciais fundamentais tanto a equidade, a justiça e o sucesso educativo de cada criança, jovem ou adulto, como a conceção da educação como um bem comum que urge preservar e melhorar, com base numa participação sociocomunitária alargada. Este número da RPIE, além de destacar a problemática da inovação educacional, dá ainda lugar à apresentação de diversos resultados de investigação, que vão desde os domínios inovadores da “pesquisa inclusiva” às inovações nas estratégias de ensino e aprendizagem. Também se dá relevo ao protagonismo docente, desde o sentido do aprender até à compreensão da motivação e da satisfação profissional dos docentes.

Continuamos a prosseguir o esforço da internacionalização da revista, dando agora lugar à participação de autores do Brasil e do Chile, um esforço nunca acabado e que permanece entre as nossas prioridades.

## Referências bibliográficas

- Pedró, F. (2019). New directions in schooling. International trends in educational innovation. *Educa*, 5. <https://educa.fmleao.pt/no5-2019/new-directions/>
- Nóvoa, A. (2020). La notion de réforme en éducation est-elle encore pertinente aujourd'hui?. *Revue internationale d'éducation de Sèvres*, 83, 23-31.